

80%

Percentual de pacientes que afirmam que a dor afetou o desempenho no trabalho



52%

Entrevistados que atribuíram à persistência da dor o surgimento de outros problemas de saúde, como depressão, ansiedade e obesidade

Quando questionados sobre qual palavra descreveria melhor a convivência com esse sintoma os resultados foram:

40,4%

Desânimo



35,6%

Angústia



17,5%

Desespero

Histórias de superação

Beto Monteiro/Oncoguia/Divulgação - 19/5/16



“O maior aprendizado é deixar de focar no que se está perdendo e focar no que se está ganhando”

Evelin Scareli, ex-paciente de câncer

O sofrimento causado pelo câncer também dá lugar a histórias de superação e de solidariedade de pessoas que encontraram forças para lutar contra a doença. Evelin Scareli foi diagnosticada com uma neoplasia de mama aos 23 anos. Seguiu o tratamento sem se abater e, a cada etapa, tentava ressignificar o papel da doença na vida dela. O primeiro passo foi criar um blog, em que trocava experiências com diversas pessoas. Percebeu que não estava sozinha.

Depois que conseguiu vencer a doença, não sabia o que fazer com os vários lenços que havia usado em razão da queda do cabelo, causada pela quimioterapia. Surgiu a ideia de doá-los a outras pacientes, embrulhados para presente e com direito a carta manuscrita. Foi um sucesso. “Uma das pessoas me disse que a sogra deu um grande sorriso quando ganhou o seu, o que não acontecia há dois meses, desde que havia iniciado o tratamento”, conta.

Anos mais tarde, a mãe dela foi quem recebeu o diagnóstico de câncer de mama. Evelin diz que a sensação de ser acompanhante é pior do que a de paciente: um sentimento de impotência. “O maior aprendizado é deixar de focar no que se está perdendo e focar no que se está ganhando. Em vez de sofrer a perda de um seio, comemorei o implante de prótese de silicone”, relata.

Experiência no SUS

Juliana Carelli, 36 anos, foi atendida na rede pública de saúde. Ela teve câncer de ovário aos 29. O tempo entre o diagnóstico e o início do tratamento ficou dentro dos 60 dias previstos em lei. “Sei que tenho muito que agradecer, pois minha situação foi bem rápida”, relata.

Ela sentiu falta apenas de um médico de referência, pois, em alguns retornos, deparava-se com profissionais diferentes, o que dificultava o apoio em momentos de insegurança ou para esclarecer dúvidas, por exemplo. Mas o tratamento foi suficiente para que superasse a doença.

Hoje, ela se diz outra pessoa. “Com certeza o câncer me tornou uma pessoa melhor. Digo que ganhei um par de óculos para ver a vida de outra forma. Hoje, valorizo muito mais as pessoas do que as coisas”, conta Juliana. “Descobri que tenho ao meu lado um marido maravilhoso, que escolheu passar comigo pela doença, e aprendi a viver um dia de cada vez”, complementa.